

BISA BIA, BISA BEL: UMA TRANÇA COM OVOS E AVÓS

Marta Morais da Costa
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O tema da continuidade do tempo e das gerações é construído em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, através de sucessivas imagens de encaixe e de adentramento, tecendo uma firme rede de significados, que permite compreender o amadurecimento psíquico da adolescente Isabel.

A leitura representa um complexo e dinâmico jogo entre o exterior e o interior, agenciado pelo olhar. A aventura de lançar na imaginação e na memória os signos verbais detonadores de imagens, sensações, temores, esperanças, dúvidas — e quem sabe tantas outras experiências mais! — reproduz o caminho inverso daquele percorrido pelo autor, completando assim, entre leitor e escritor, uma unidade de comunicação.

No livro dedicado às crianças e aos jovens, outro fator visual soma-se a esta troca entre signo verbal & significação: o ilustrador dá formas, cores e espacialização ao universo de palavras dirigido pelo autor ao leitor.

O viajar constante, através do olhar, entre espaços tão importantes — o do livro e o da imaginação — constitui o deleite insubstituível da leitura. Há durante o percurso marcas indeléveis e determinantes para a concretização particular de cada livro. Estas marcas sobressaem no processo de leitura. Elas servem de guia ao leitor e de objeto de análise ao pesquisador. Em perseguição a elas, presentes em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria MACHADO¹, lanço este pequeno estudo.

¹ MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. Ilustr. Regina Yolanda. Rio de Janeiro. Salamandra, 1982. As citações referentes a esta obra serão identificadas pela abreviatura BB, seguida do número da página onde o fragmento se localiza.

O livro abre-se com um texto envolvido pelo desenho de um buraco de fechadura, antiga e sem chave, cercado pela madeira da porta, com o detalhe de um pequeno nó. Convida o texto:

Sabe? Vou lhe contar uma coisa que é segredo.
Ninguém desconfia. É que Bisa Bia mora comigo.
Ninguém sabe mesmo. Ninguém consegue ver.

Pode procurar pela casa inteira, duvido que ache. Mesmo se alguém for bisbilhotar num cantinho da gaveta, não vai encontrar. Nem se fuçar debaixo do tapete. Nem atrás da porta. Se quiser, pode até esperar uma hora em que eu esteja bem distraída e pode espiar pelo buraco da fechadura do meu quarto. Pensa que vai conseguir ver Bisa Bia?

Vai nada...

Sabe por quê? É que Bisa Bia mora comigo, mas não é do meu lado de fora. Bisa Bia mora muito comigo mesmo. Ela mora dentro de mim. E até pouco tempo atrás, nem eu mesma sabia disso. Para falar a verdade, eu nem sabia que Bisa Bia existia. (BB, p. 5).

O texto se propõe como um enigma, um segredo passível de desvendamento: quem é Bisa Bia? Qual é seu relacionamento com o narrador? O que significa "mora dentro de mim"?

A interrogação primeira — “Sabe?” — introduz o mundo-livro do conhecimento: anuncia o ato de conhecer, de partilhar um segredo, faz um convite ao deciframento. E a chave do enigma pertence a “mora comigo”, melhor ainda, a “dentro de mim”. A explicação fenomenológica de Bachelard indica, no ato de morar, uma realização de intimidade, o encontro da segurança e aconchego que o abrigo da casa oferece e, mais interiormente, a presença nela de uma variável do útero materno, da origem da vida².

Esta viagem cada vez mais profunda e mais interiorizada do ser é realizada por Isabel, a narradora. É seu caminho de adentramento, espaço viajado igualmente no tempo, e que o livro paisagiza.

A adolescente Isabel descobre no retrato de sua bisavó Beatriz, fotografada quando menina, um tempo desconhecido: o bonde, o vidro bisotê, a “étagère” e os costumes re-

² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio C. Leal e Lídia V. S. Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 339-514.

catados lhe são apresentados pouco a pouco por Beatriz num diálogo inusitado entre as gerações. Alternam-se a revivência do tempo da bisavó com as vivências do presente de Isabel, em casa, na rua e, principalmente, na escola. O mundo da adolescente, composto por aulas e brincadeiras, por professores e colegas, por familiares e vizinhos, ganha dimensão histórica e novo sentido, frutos da convivência com a bisavó-menina.

Nem a perda do retrato impede a permanência de Bisa Bia, já interiorizada em Isabel. O diálogo constante entre as duas alterna momentos de comunhão e de desavenças. Os conselhos da bisavó entram em choque com o comportamento da menina: afinal, há algumas gerações entre elas e os costumes sociais têm o hábito, eles também, "de se remearem dos lugares"³.

Surge, porém, um motivo complicador. Outra voz ganha espaços: do dentro mais interior fala Neta Beta, a bisneta de Isabel, a nascer em tempos muito futuros. Ninguém melhor para esclarecer a ponte entre elas três do que Sônia, a professora de História. É ela quem encontra o retrato perdido; é durante sua aula que Isabel se deixa fotografar para a posteridade de Beta e é ainda no tempo de sua aula que os alunos podem ordenar e expressar seu passado e imaginar o futuro. Assim procede Vitor, aluno recém-chegado, ao recuperar em seu discurso a figura comovente do avô falecido e ao relembrar o tempo de exílio. É natural que Isabel se sinta atraída pelo rapaz; afinal suas histórias se aparentam: em ambos moram avós.

Há dois recursos formais poderosos e significativos no texto de *Bisa Bia, Bisa Bel*. O primeiro deles se apresenta como uma narrativa exemplar que tem como eixo uma estrutura de encaixe: a história do gigante.

(...) dentro do mar tinha uma pedra, dentro da pedra tinha um ovo, dentro do ovo tinha uma vela e quem soprasse a vela matava o gigante. (BB, p. 7).

O diálogo entre a história de Isabel e a história do gigante não tem caráter decorativo ou acumulativo. Anuncia, isto sim, as muitas situações em que o dentro se reserva uma função significativa. Tentarei exemplificar a importância para a natureza de *Bisa Bia* da reiteração constante de situações e espaços em que o movimento de interiorização

³ GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. p. 183.

configura a essência do sentido da obra. A insistência num espaço interior, apresentado pela locução prepositiva dentro de, configura-se como o segundo recurso formal expressivo da narrativa.

Após o convite ao desvendamento do enigma proposto ao início do texto, manifesto na pergunta “Sabe?”, primeira palavra a ser lida, a narradora descobre o retrato de sua bisavó Beatriz, fundindo em sua narrativa a história exemplar e a interiorização:

(...) dentro do quarto de minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha uma caixa, dentro da caixa tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retratos, dentro de um retrato tinha Bisa Bia. (BB, p. 7).

Recorro novamente a BACHELARD para que ele me oriente na interpretação fenomenológica dos esconderijos da história do ser. Em *A poética do espaço* encontro que a gaveta é um “modelo de intimidade” e que a memória “é um armário”⁴.

Não se torna difícil compreender, a partir destes valores, que a narrativa de Ana Maria Machado propõe ao leitor uma interpretação interiorizada dos fatos narrados por Isabel. Eles terão o lado de fora avaliado como uma história de menina-adolescente: brincadeiras, estudos, doenças, amores e aversões. Encaminharão, contudo, com maior insistência para o conhecimento do tempo contínuo, da história no sentido de existência humana e para a compreensão do homem integrado a um antes e um depois infinitos.

O retrato localizado dentro do envelope, imagem congelada de um espelho, outro — eu de Isabel, não demora em ganhar vida e movimento. Recusa-se a permanecer dentro do bolso apertado do “jeans” de Isabel porque o local contraria hábitos antigos da bisavó. Deixa-se envolver, entretanto, pelo acinturado da bermuda que mantém Bisa Bia junto ao corpo da bisneta, de onde, após um estágio intermediário e mágico em forma de tatuagem, penetra o âmago-uterô de Isabel e ali passa a morar. Espaço e movimento descongelam o objeto estático do retrato realizando uma atualização do impalpável: a menina-bisavó do retrato ganha existência e voz e temperamento e memória.

⁴ Bachelard. *A poética ...*, p. 406-407.

O passado convive e dialoga com o presente e o tempo se converte num "continuum" de gerações. Semelhante movimento — desta feita projetivo — ocorre com o aparecimento, primeiramente sutil e indistinto e progressivamente mais claro e definido — de Neta Beta. Vozinha tênue que ganha individualidade e história à medida em que participa do diálogo das gerações.

O espaço interior apresenta momentos de intensa significação quando se pode perceber como as personagens mergulham em sua história: a mãe de Isabel volta à infância, Vitor recupera na linguagem seu passado e a figura do avô, para concluir, tal como Isabel, que "vovô ia sempre existir dentro de mim" (BB, p. 55).

O elemento desencadeador de todo o processo de espacialização & temporalização é o retrato, intencionalmente oval, ovo-origem, início da multiplicação.

Somos conduzidos pela narrativa à descoberta de que o aparentemente irreal caso da bisavó-menina — duplamente desaparecida, com a velhice e a morte — que mora dentro da bisneta que, por sua vez, é origem de outra bisneta a nascer num futuro longínquo, ganha foros de realidade biológica, social, histórica e psicológica. A medida em que Isabel convive e conversa com Bisa Bia, amadurece interiormente, distingue diferentes tempos históricos, diversos hábitos e costumes e, principalmente, descobre dentro de si uma densa verdade: "Eu sou eu!" (BB, p. 40). Esta tomada de consciência ocorre após o vexame sofrido no episódio dos lenços de papel, desaparecidos por intervenção de Bisa Bia, acostumada aos lenços bordados e avessa à praticidade moderna. A humilhação sofrida diante dos colegas faz brotar em Isabel o auto-conhecimento, tomado pela professora Sônia como um delírio.

Em consequência, a menina deixa o espaço social da escola e volta para casa, para sua intimidade. Dela surgirá, posteriormente, renovada. O período de iniciação vivido em casa serve para a revelação de Neta e do tempo do futuro. Ao voltar para a escola — por coincidência, na aula de História — Isabel estará mais madura porque aprendeu a reconhecer seu lugar no mundo e a sua importância na "trança de gente" (BB, p. 56).

Esta mudança opera-se graças à inversão espácia-temporal dos acontecimentos. No primeiro momento, o presente de Isabel vê-se invadido, de fora para dentro, pelo passado via retrato de Beatriz menina. Após a afirmação de sua identidade — "Eu sou eu!" — a dinâmica do entrelaçamento de gerações se inverte. De dentro de Isabel, a voz de Neta Beta afirma o futuro e seus diferentes costumes: a holografia

substitui o retrato. Significativamente, porém, não há ruptura alguma na "trança de gente": Neta Beta conhecerá a bisavó Isabel através de uma holografia que a mostra seguindo entre os dedos o retrato oval de Bisa Bia. A sucessividade da trança substitui a imobilidade do retrato.

A interiorização do passado apresenta contudo uma face dupla e contraditória. Tem o dom de interferir no presente causando surpresas desagradáveis — Bisa Bia joga para fora do bolso de Isabel os lenços de papel, causando transtorno e vergonha à menina no momento em que deles precisou. O tempo passado pode, ao contrário, trazer benefícios inesperados: o interesse pelo tempo antigo leva Isabel a freqüentar a casa da velha D. Nieta, de quem se torna amiga. As visitas permitem que a menina se torne conhecida do cão Rex e possa, mais tarde, num momento de perigo, acalmá-lo. Em decorrência disso, Sérgio, o garoto por quem estava apaixonada, considera-a corajosa e lhe dá um beijo.

O passado ganha na narrativa valores gradualmente mais importantes. Durante a aula de História ele avulta com seu valor coletivo e social. É da história dos escravos do tempo de Bisa Bia que se passa à opressão da ditadura e à crueldade do exílio do tempo dos pais e avós de Vitor. A História ganha, neste momento, uma vitalidade oposta à qual se apresenta usualmente na escola, "sempre amarrada no passado" (BB, p. 56). Por isso, Isabel se maravilha com o poder que tem a História de estar "na minha vida mesmo, dentro de mim. nos seus segredos, nos meus mistérios, nas minhas encruzilhadas escondidas" (BB, p. 56).

A narração em primeira pessoa permite à personagem transitar com verossimilhança por seu interior, descrevendo a dinâmica de seu espírito. De maneira semelhante, transforma o leitor em cúmplice de sua viagem rumo ao auto-conhecimento e à compreensão do mundo.

Mas também tem outra coisa: quando eu começo a ficar muito moderna, muito decidida, a me sentir muito forte e muito capaz de enfrentar tudo, às vezes me dá uma "recaída de bisavó", como Neta Beta chama. Quer dizer, quero dengo, descubro que sou fraca numas coisas, tenho vontade de pedir colo e procurar alguém que me ajude, passe a mão na minha cabeça e tome conta de mim um pouquinho. Não dá pra ser mulher-maravilha. Pelo menos, não dá o tempo todo, sem fingir. Vou descobrindo que dentro de mim é uma verdadeira salada (BB, p. 49).

A expressão coloquial facilita a exposição das idéias, tornando acessível ao jovem leitor o sentido essencial de história: o entrelaçamento de gerações atuantes. Este aspecto revela o domínio da escritora no que respeita o processo de adequação dos conceitos ao repertório — freqüentemente limitado — do leitor.

A naturalidade com que se entrelaçam discursos e reflexões, ensinamentos e observações na voz do narrador capta a simultaneidade dos acontecimentos e da atuação das personagens:

Eu estava tão feliz de ter achado o retrato de Bisa Bia que não conseguia achar nada para falar. Ainda mais agora, com essa boa idéia, de ficar sabendo montes de coisas do tempo dela, ah!, ia ser ótimo!... Foi me dando um nó na garganta, uma vontade de chorar de alegria, de emoção, sei lá, nem consigo explicar. Aí, de repente, reparei que Vitor, o novo aluno, também estava disfarçando e enxugando uma lágrima no canto do olho. Não entendi porquê. Ainda bem que Dona Sônia não esperou minha resposta nem reparou no choro do Vitor (que menino mais esquisito... será que ele nunca ouviu falar que homem não chora?) e foi começando a aula, contando que havia escravos no tempo da minha bisavó, que os escravos tinham dono (...) (BB, p. 53).

Se por um lado a concentração no narrador em primeira pessoa restringe o aproveitamento da variação e complexidade das ações e do modo de ser das personagens, por outro, permite ao leitor acompanhar as minúcias do processo de amadurecimento de Isabel. Neste fator reside o objetivo basilar do texto. O conhecimento do passado coletivo e familiar, a convivência em casa e na escola, a sucessão de acontecimentos e saberes, de histórias contadas e vividas convergem para a noção de "trança de gente" e à assimilação do conceito fundamental de história: o saber construído por seres humanos, conscientes de que "o mundo pode melhorar um pouquinho com cada um" (BB, p. 55). Seres-agentes da história, corrente de seres, tempo contínuo: idéias expressas já no título do livro. Nele encontramos o tema da sucessão na ressonância em eco dos nomes próprios: **Bisa Bia, Bisa Isabel, Neta Beta** e em sua corrente de mulheres, **Bia, Bel e Beta**.

A narração de Isabel constrói, portanto, a história e seus significados. Assim, torna-se possível, através desta constru-

ção, perceber que idêntico processo de encaixe, como na história do gigante, estrutura a obra. A aula de história cabe dentro da evolução psíquica dos seres humanos, que por sua vez estão dentro da "trança de gente". Todo este tecido de significação, por fim, só existe porque está envolvido pela narrativa literária. Ao final deste processo de molduras sucessivas retornamos à fechadura da página inicial e chegamos à compreensão de que o convite para desvendar o enigma de Isabel é também uma convocação ao desvendamento de sua linguagem. Apoiados em BACHELARD⁵, podemos afirmar que a criadora-ovo-origem de todo este processo, Ana Maria Machado, é um ser "grande sonhador de fechaduras".

REFERÉNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio C. Leal e Lídia V.S. Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p.339-514.
MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bla, Bisa Bel*. Ilustr. Regina Yolanda. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

⁵ Idem. p. 403.